
ἀρχαί

AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL
THE ORIGINS OF WESTERN THOUGHT

ARTIGO | ARTICLE

A alma e as sobrancelhas de Gianni: Casertano lê o *Fédon*

**Gianni's soul and eyebrows:
Casertano reads the *Phaedo***

Gabriele Cornelli ⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-5588-7898>

cornelli@unb.br

ⁱ Universidade de Brasília – Brasília – DF – Brasil

CORNELLI, G. (2024). A alma e as sobrancelhas de Gianni: Casertano lê o *Fédon*. *Archai* 34, e03425.

Resumo: Texto apresentado como palestra de abertura do evento “Gli studi di storia della filosofia antica di Giovanni Casertano”, organizado no dia 23 de outubro de 2024 pela *Società Nazionale di*

Scienze, Lettere e Arti de Nápoles (Itália) e pelo Departamento de Filosofia da *Università degli Studi di Napoli – Federico II*. Um agradecimento especial às colegas e amigas Anna Motta e Lidia Palumbo pelo generoso convite.

Palavras-chave: Gianni Casertano, *Fédon*.

Abstract: Paper presented as the opening lecture at the event ‘GLI STUDI DI STORIA DELLA FILOSOFIA ANTICA DI GIOVANNI CASERTANO’, held on 23 October 2024 by the *Società Nazionale di Scienze, Lettere e Arti* of Naples (Italy) and the Philosophy Department of the *Università degli Studi di Napoli - Federico II*. Special thanks to my colleagues and friends Anna Motta and Lidia Palumbo for their generous invitation.

Keywords: Gianni Casertano, *Phaedo*.

O escritor moçambicano Mia Couto, que sei que também era muito amado por Gianni, em uma entrevista ao *Le Monde Diplomatique* em 2019 relembrou o luto pela morte recente de seu pai:

Acho que aqui tenho uma vantagem que é este lugar onde nasci, onde eu vivo, este lugar que sou eu. Não existe neste lugar para a construção de dualidades tal como surgem nas filosofias europeias. Tudo tem outra fronteira. (...) No caso da vida e da morte, acontece o mesmo; as pessoas nunca morrem aqui. Os mortos estão vivos aqui. É claro que em todo lado se pensa que os mortos estão presentes, mas aqui eles não só estão presentes, como comandam uma parte da nossa vida. A diferença está no poder que eles partilham para conduzir a vida. Meu pai morreu primeiro que minha mãe, e eu pensei que aquele luto seria um teste profundo para ver o quanto eu assumia a verdade de uma impossível ausência. Estou convicto de que passei nesse teste, porque sinto que ele permanece vivo e criador da minha vida. Dou por mim espantado a olhar para as minhas mãos e a confirmar que aquelas são as mãos dele (Brandão 2019).

Foi uma experiência, ou melhor, uma sensação, que Mia Couto relembrou novamente, quando veio à minha Universidade em Brasília para receber o título de doutor *honoris causa*, a mesma honraria que Gianni já havia recebido antes dele, em 2012: era como se seu pai estivesse revivendo em suas mãos, disse ele. Lembro-me de pensar que era uma forma muito especial de imortalidade, marcada no corpo do outro, daquele que permanece.

Vivi a mesma emoção nesses meses de luto pela morte de Gianni. Mais de uma vez, ao me olhar no espelho, encontrei em minhas sobrancelhas... simplesmente as de Gianni. Grossas, decididamente impenitentes. E me confortou perceber que Gianni, de alguma forma, estava presente em mim de uma maneira ao mesmo tempo literária e concreta, um pouco como o realismo fantástico.

Infelizmente, não tive a sorte de ser um de seus alunos, como muitos aqui, mas assisti à sua última palestra antes de se aposentar, aqui nesta universidade. Foi uma palestra que me impressionou acima de tudo por sua normalidade: Gianni falou calmamente sobre suas paixões habituais: os sofistas, Platão, diante de um grupo de calouros em sua aula de filosofia. Mas o que mais me chamou a atenção, e o que ficou gravado para sempre em minha memória, foram suas últimas palavras, dedicadas mais uma vez a alertar o aluno contra todo dogmatismo e fundamentalismo, tanto hermenêutico quanto político.

Tínhamos um projeto na gaveta desde a última vez que Gianni veio a Brasília, discutido como sempre à beira da piscina: o de traduzirmos juntos seu *Fédon* para o português. Ele me disse que o *Fédon* foi seu último grande projeto. E é uma verdadeira obra-prima. É o seu canto do cisne. E, como Sócrates nos lembra no mesmo diálogo, é uma canção de alegria, e não de luto.

Gostaria de compartilhar com vocês hoje, brevemente, o que aprendi com a leitura do *Fédon* de Gianni (Casertano, 2015). Uma leitura em que várias vezes vi as figuras de Gianni e Sócrates se sobrepondo em minha mente.

"Acreditamos que a morte seja algo?" (64c) Essa é a pergunta com a qual Sócrates inicia a discussão com seus amigos e discípulos em seu último dia de vida. Sócrates fala sobre a morte, como era de se esperar na época. Ou melhor, ele fala sobre a vida após a morte. Sócrates quer

mostrar que a morte não é o fim de um ser humano ou algo que um filósofo deva temer. Assim, o diálogo é estruturado em torno de quatro argumentos a favor da imortalidade da alma (70c-107b). Entretanto, não é apenas a morte que é discutida no *Fédon*. A morte é também, e acima de tudo, representada. O corpo moribundo de Sócrates confunde o discurso filosófico. A lógica dos argumentos às vezes desaparece diante do desejo de persuadir e consolar seus amigos. Suposições não comprovadas dificultam a sustentação das evidências, muitas vezes circulares. Os mitos vêm em socorro da fragilidade das evidências e exorcizam o medo infantil que habita em todos (77e). As imagens, os mitos, renovam a esperança de que há justiça na vida após a morte (114c), de que há continuidade entre este mundo e aquele, entre esta vida e a próxima, após a morte. A promessa é que todo o bem feito, uma vida dedicada à filosofia e aos outros, pode ser recompensado. O filósofo, tão desprezado na Atenas de seu tempo, viverá feliz para sempre. “E em tudo isso”, diz Sócrates, “é bom acreditar” (91b).

Embora o título do diálogo seja *Sobre a Alma*, Gianni tem razão: o *Fédon* carece de uma definição da alma. Nas páginas do diálogo, a alma não só não é definida, como nem mesmo é totalmente descrita em sua estrutura e funcionamento, como será mais tarde nos outros diálogos de Platão. Ela é sempre concebida a partir do que não é, de seu oposto: o corpo.

O prazer e a dor, a comédia e a tragédia, a vida e a morte estão entrelaçados na vida de Sócrates, assim como a narrativa de sua morte. E elas tecem a estrutura de todo o diálogo, desde as primeiras palavras e gestos de Sócrates até seus últimos momentos de vida.

Um "monumento a Sócrates", é como Natorp (2004, p. 149) definiu o diálogo. Um monumento, creio eu, representado em primeiro lugar por seu corpo, sempre presente no centro da cena (cf. Dixsaut 1991, 43), desde a coceira em sua perna, recém-libertada de suas correntes (60b), a ocasião de suas primeiras palavras no diálogo com seus amigos e discípulos, até seu corpo sem vida deitado silenciosamente na cama no final do dia e do diálogo (118a). Pois o corpo de Sócrates e o diálogo são um só e o mesmo.

A estratégia de Platão não é incomum: em seus diálogos, ele sempre nos convida, em vez de entender os argumentos, a representar os personagens do diálogo em nossas mentes. A filosofia é moldada pela

vida e pelas circunstâncias pessoais daqueles que a produzem e estão envolvidos nela (cf. Blondell 2022, 48). No palco do diálogo, "a tragédia e a comédia da vida sempre se desenrolam, onde prazeres e tristezas se misturam" (*Fil.* 50b). O protagonista é, sem dúvida, Sócrates. A delicadeza literária e filosófica de Platão no *Fédon* reside nisso: fazer do próprio corpo o protagonista em um diálogo dedicado à alma imortal. Mais do que qualquer outro assunto, é o corpo que fala da imortalidade da alma.

A calma com que Sócrates encara a morte, sua resignação à condenação, sua força como homem e filósofo (64d) lembram as imagens do heroísmo democrático da Atenas de Péricles (cf. Loraux 1995, 151). Sócrates morre como o melhor dos atenienses, embora Atenas o tenha considerado dispensável. O corpo do filósofo finalmente enfrenta a morte, depois de tê-la buscado de alguma forma durante toda a sua vida. O corpo morre lentamente, esfriando progressivamente, dos pés ao abdômen, como em um tratado anatômico que descreve os efeitos do veneno.

Assim como a alma, que com grande dificuldade e dor (108b) resiste a se separar do corpo que ama e com o qual passou uma vida inteira (81c), Críton, seu melhor amigo, não consegue se separar de Sócrates e quer cuidar desse corpo após a morte, assim como cuidou dele durante toda a vida. Críton é todo mundo, mas é sobretudo Platão, que não quer abandonar o corpo de Sócrates e faz dele a chave de todo o diálogo. Há, portanto, uma inversão delicada e precisa entre a mensagem do diálogo, que diz respeito à separação da alma do corpo com vistas à sua imortalidade, e seu protagonista, Sócrates e seu corpo moribundo (cf. Loraux 1995, 162). Da mesma forma que Platão rejeita a poesia no Livro X da República, mas usando uma arte poética refinada, como são seus diálogos, aqui Platão faz com que Sócrates negue o corpo, enquanto seu próprio corpo está continuamente presente. É o corpo de Sócrates que, de alguma forma, abraça a imortalidade da alma.

Nesse ponto, talvez Platão pareça concordar com Foucault (1996), e gosto de pensar que Gianni também: "não há necessidade de uma alma ou de uma morte para que eu seja ao mesmo tempo opaco e transparente, visível e invisível, vida e coisa", diz Foucault: "para que eu seja uma utopia, basta que eu seja um corpo" (Foucault, 1996, p. 11). O corpo de Sócrates é a utopia que Platão está procurando.

Platão, pensador das lacunas, do que resta a ser dito e construído, nas pessoas e na cidade, na prosa e na filosofia, prefere o não-lugar do corpo de Sócrates ao tratado sobre a alma em seu perfeito funcionamento. É por isso que o diálogo é permeado pela incerteza, pela dúvida, pelo risco de que a filosofia se afunde, de que lhe falte energia para continuar pensando e falando (85c). Somente um corpo no mundo pode ter medo de fracassar e desistir. Ao ir ao cerne de toda a ética e metafísica ocidental, Platão protege seu texto de qualquer tentação dogmática, fazendo com que o corpo de Sócrates atue como um anticorpo.

A incerteza, no entanto, não significa ceticismo ou, pior, misologia, ódio ao discurso, renúncia à pesquisa. Sócrates continua a falar. E muito. Ele procura argumentos a favor da imortalidade da alma, pede para ser compreendido e criticado. Acima de tudo, ele tenta convencer seus amigos e discípulos a não temer a morte e a continuar buscando respostas para as questões mais importantes: justiça, uma vida boa e bela. Cuidar de si mesmo e dos outros. O *Fédon* é o lugar onde o que tem sido chamado de "terceira via" de Platão provavelmente emerge com mais força (cf. Gonzalez 1995), o caminho estreito entre o ceticismo e o dogmatismo. Uma solução intermediária - como Platão sempre busca, esse μεταξύ! - que ele identifica no dualismo metafísico, ou seja, na hipótese das ideias, e na teoria da reminiscência, que concede ao indivíduo acesso a essas mesmas ideias (cf. Trabattoni 2023, 19). Acesso, no entanto, que aqui, nesta vida, será sempre parcial e impreciso.

Assim, aprendi com Gianni que o movimento dos argumentos no *Fédon* é o de uma

dança da morte e da vida, na qual os dois termos trocam de posições e papéis, os significados se confundem, os sentidos se sobrepõem. No fundo, há uma realidade concreta e tangível que pode ser experimentada por qualquer pessoa: o homem morto. Uma realidade que parece quase alheia à dança de seu corpo e, especialmente, de sua alma (Casertano 2015, 92).

O diálogo inteiro é, em essência, uma tentativa de Sócrates de consolar seus discípulos e amigos e tranquilizá-los sobre o destino da alma. E eu me dei conta disso nessa mesma dança:

também é feito de saltos acrobáticos, e o salto de Sócrates, nesse ponto, elegantemente passa ao largo da vida e da morte dos homens, dos corpos, das almas, para pairar sobre o motivo de morrer e reviver não se sabe de quem ou do quê (Casertano 2015, 93).

Nas páginas do *Fédon* de Gianni, também aprendi sobre um dos temas mais queridos (e talvez mais influentes) da leitura de Gianni: a centralidade da linguagem para a metafísica platônica. O léxico platônico geralmente se baseia na descrição de um mundo no qual as coisas sensíveis, os particulares, adquirem suas propriedades por meio de uma semelhança com as ideias universais. O léxico platônico é notoriamente impreciso, pois também faz uso de conceitos como comunhão e participação, entre outros. A semelhança é sempre imperfeita e instável. As coisas sensíveis querem imitar os paradigmas, mas inevitavelmente não conseguem fazê-lo, resultando em uma imitação defeituosa (cf. Sedley 2006). É por isso, ensina Gianni, que Sócrates não se esquece de acrescentar o verbo "dizer" às ideias, ciente da diferença de valor e verdade entre os planos ontológico e linguístico, mas também do fato de que o primeiro só pode ser expresso pelo segundo, mesmo que imperfeitamente. Assim, Gianni resume com maestria a questão da metafísica platônica:

É claro que a ideia não é apenas uma declaração linguística, é também algo que Platão declara existir em si mesma: o que quero enfatizar aqui é o sentido que resulta dessa (bem como de outras, aliás) passagem sobre ideias, ou seja, que a consciência de Platão da diferença entre o plano ontológico-noético e o plano linguístico é sempre acompanhada pela consciência de que é apenas no último que os dois primeiros podem ser expressos, com todos os riscos que isso implica (Casertano 2015, 469).

De fato, diz Gianni novamente:

"As 'coisas', sejam entidades materiais ou ideais, não podem ser vistas ou mesmo conhecidas em sua *inseidade* abstrata, mas apenas colocando-as em uma série de relações que as medeiam, e o instrumento para mediar é apenas o discurso" (Casertano 2015, 360).

Assim, a hipótese de ideias é agora apenas uma hipótese, feita dentro de uma rede discursiva, e não uma apreensão de ideias (e Franco Trabattoni tem insistido muito nisso nos últimos anos).

As ideias são obtidas "quando perguntamos perguntas e quando respondemos respostas" ". É o exercício dialético que permite ao filósofo rotular, ou seja, organizar por meio da linguagem, "o que é":

Nosso discurso agora não é sobre o igual, assim como não é sobre o belo em si mesmo e o bom em si mesmo e o justo e o sagrado e, como eu digo, todas as coisas às quais aplicamos esse selo, o "que é", quando perguntamos perguntas e quando respondemos respostas" (75c-d).

Mas rotular, aplicar o selo (ἐπισφραγιζόμεθα) 'o que é' (τὸ αὐτὸ ὃ ἔστι) às realidades é obviamente o que a metafísica faz. Um selo, este, que - Gianni nos lembra mais uma vez - é aplicado durante o processo dialético de "perguntar perguntas e responder respostas"". Esta é uma tradução, feita por Gianni, da expressão ἐν ταῖς ἐρωτήσεσιν ἐρωτῶντες καὶ ἐν ταῖς ἀποκρίσεσιν ἀποκρινόμενοι que é verdadeiramente estupenda, porque consegue preservar em sua beleza o ritmo e a assonância do original grego. A expressão deixa muito clara a dependência da metafísica platônica do exercício da dialética, ou seja, do diálogo de perguntas e respostas que constitui a essência do método platônico. Como Sócrates a define, ὁ λόγος ἡμῶν (75c, nosso discurso): o modo como raciocinamos, discutimos entre nós. A passagem indica mais uma vez a profunda relação entre a operação metafísica e a linguagem em Platão.

"Pode-se dizer que todo o *Fédon* constitui a adeus de Sócrates" - lembra Gianni (Casertano 2015, 285). É a despedida que sinto que Gianni queria nos dar, com a elegância discreta de sua leitura.

Uma despedida, enfim, muito especial, como é a forma de imortalidade que um homem - em seu materialismo incurável - quis nos dar. A coragem de Gianni, o fato de não fazer concessões fáceis, a alegria, a sabedoria e a retidão vivem de alguma forma em todos nós.

E me pego, mais uma vez, pensando na sorte que tenho de ver suas sobranceiras crescendo em mim na medida certa. Porque as sobranceiras protegem os olhos da luz que cega, mas sem bloquear a

luz, pelo contrário: elas criam a sombra certa para poder ver o que importa, a escuridão que faz a luz ver melhor. E Gianni era uma das pessoas menos deslumbradas que já conheci: um partidário do ceticismo, mas ao mesmo tempo um homem brilhante, gentil e entusiasmado com a vida.

Por isso, uso essas sobranças com orgulho teimoso e rio um pouco delas, como teria feito com Gianni agora, se ele ainda estivesse aqui conosco.

Bibliografia

BLONDELL, R. (2002) *The Play of Character in Plato's Dialogues*. Cambridge: Cambridge University Press.

BRANDÃO, B. (2019). A guerra na vida dos sobreviventes, dissidentes e residentes - UMA ENTREVISTA COM MIA COUTO. Colaborou Maylta dos Anjos. *Le Monde Diplomatique*, 2 de abril de 2019 (<https://diplomatique.org.br/a-guerra-na-vida-dos-sobreviventes-dissidentes-e-residentes/>).

CASERTANO, G. (2015) Platone. *Fedone, o dell'anima*. Dramma etico in tre atti. Traduzione, commento e note di G. Casertano. Napoli: Loffredo.

DIXSAUT, M. (1991). Platon. *Phédon*. Paris: Flammarion.

FOUCAULT, M. (1996). *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições. Repr. 2021.

GONZALEZ, F. (ed) (1995) *The Third Way*. New Directions in Platonic Studies. Rowman & Littlefield Publishers.

LORAUX, N. (1995). *The Experiences of Tiresias: The Feminine and the Greek Man*. New Jersey: Princeton University Press.

TRABATTONI, F. (2023). *From Death to Life: Key Themes in Plato's Phaedo*. Boston / Leiden: Brill.

Submetido em 15/09/2024 e aprovado para publicação em 06/11/2024



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado.

Gostaria de enviar um artigo para a Revista *Archai*? Acesse <http://www.scielo.br/archai> e conheça nossas *Diretrizes para Autores*.
